

O FUTURO DA COOPERAÇÃO JAPÃO-ÁFRICA: TICAD

Habib Badawi¹



Introdução

A África continuará a ser relevante para o Japão como um meio necessário para atingir algumas de suas metas políticas, econômicas e estratégicas de longo prazo. Além disso, o Japão busca expandir suas relações com o continente. No entanto, é difícil ver a participação do Japão na África como parte de uma política integrada ou de uma estratégia de longo prazo bem pensada, mas apenas como um conjunto de metas e como algumas das ferramentas e mecanismos usados para atingir essas metas. Isso se reflete, em grande parte, na incapacidade do Japão de priorizar seus interesses econômicos e políticos em seu relacionamento com a África. Embora o Japão veja a África principalmente pela ótica econômica, possui outros interesses políticos importantes.

À medida que o Japão trabalha para apoiar o dinamismo de seu desenvolvimento, produção e comércio contínuos com base em uma estratégia de manufatura e comércio para se adaptar às circunstâncias e atenuar as crises, o país demonstra uma crescente ambição por pontos estratégicos, como recursos e riquezas. Essa ambição é evidenciada pelo seu interesse crescente no continente africano e na competição em curso entre as potências europeias e americana por esses recursos.

O contexto histórico das relações entre o Japão e a África

Em 1922, um marco significativo na história diplomática do Japão foi observado pelo estabelecimento de relações com o Egito, ressaltado pelo reco-

¹ Departamento de História, Universidade Libanesa. Beirute, Líbano. Email: habib.badawi@ul.edu.lb. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6452-8379>.

nhecimento do Japão da recém-descoberta independência do Egito (MOFA 2022a). No entanto, o envolvimento do Japão com o continente africano em geral não testemunhou um crescimento substancial até a última parte da década de 1970. Durante suas fases iniciais, as interações diplomáticas do Japão com a África permaneceram confinadas principalmente às nações que haviam conquistado sua independência recentemente. Notavelmente, foi a onda de revoluções liberais no final da década de 1950 que serviu como catalisador para a expansão das relações nipo-africanas (Adem 2010). Entretanto, foi somente no início da década de 1970 que surgiu um momento crucial, caracterizado pelo estabelecimento proativo de canais diplomáticos e consulares do Japão em várias nações africanas.

É importante observar que o Japão sempre demonstrou propensão a iniciar projetos de desenvolvimento no contexto africano. No entanto, os registros históricos indicam que as empresas japonesas abordaram os investimentos em países africanos com certo grau de circunspeção. Essa cautela era particularmente palpável, exceto nos casos em que os países ostentavam reservas significativas de recursos primários.

Em um contexto contemporâneo, o ano de 2005 serve como um divisor de águas no envolvimento do Japão com o continente africano. Como uma nação doadora proeminente, o Japão assumiu um papel fundamental ao orquestrar um programa robusto com o objetivo de aumentar a assistência oficial às nações africanas. Esse esforço foi manifestado por meio de um compromisso conjunto de dobrar as provisões de ajuda, catalisando, assim, iniciativas abrangentes de desenvolvimento em todo o cenário africano (Sato 2005).

O estabelecimento das relações diplomáticas do Japão com o Egito foi exemplificado pelo reconhecimento da soberania recém-adquirida do Egito. Nas décadas seguintes, houve uma evolução gradual, mas constante, do envolvimento do Japão com a África, culminando em uma onda de atividades diplomáticas durante a década de 1970. Embora os investimentos japoneses na África tenham sido inicialmente cautelosos, o papel do Japão como nação doadora proeminente desde 2005 moldou profundamente a trajetória de desenvolvimento do continente. Essa narrativa multifacetada ressalta a natureza matizada e dinâmica do relacionamento do Japão com a África, refletindo tanto as bases históricas quanto os imperativos estratégicos contemporâneos.

A perspectiva japonesa sobre a África

A presença do Japão na África é o desenvolvimento mais importante no continente no início do novo milênio, pois sua presença crescente reflete suas prioridades em termos econômicos e políticos. As principais abordagens são:

1. Garantir a superioridade comercial e o desenvolvimento econômico do Japão, o que exige a aquisição de matérias-primas estratégicas. A crescente presença econômica do Japão na África, especificamente na África Subsaariana, nas últimas duas décadas tem atraído muita atenção (Pajon 2020). Seu rápido aumento no envolvimento financeiro e na presença política na África é considerado o desenvolvimento mais significativo do continente desde o fim da Guerra Fria. O Japão é uma economia gigante e uma potência emergente, e há uma forte tendência a se fazer julgamentos morais ao avaliar sua presença no continente. É a busca do Japão por recursos naturais e seu apoio aos esforços africanos para melhorar a economia e construir um futuro sustentável que estão lançando as bases para o desenvolvimento econômico de longo prazo. O crescente papel do Japão na África faz parte de uma nova rivalidade internacional por oportunidades econômicas e recursos estratégicos, especialmente petróleo e alguns minerais.
2. As ambições políticas do Japão na África passaram a desafiar a influência chinesa na região (Bartlett 2022). O acesso a recursos desempenha um papel cada vez mais significativo no envolvimento econômico do Japão com a África. Entretanto, essa não é a única explicação para suas relações com a região, que são muito diferentes do que isso poderia sugerir.

Ao contrário da percepção tradicional de que o Japão se preocupa apenas com os recursos naturais da África, os interesses do Japão no continente abrangem várias dimensões: política, econômica e comercial. Como resultado dos desenvolvimentos e transformações internacionais, a competição evoluiu de sua forma ideológica tradicional para abranger aspectos econômicos e políticos. No entanto, tanto os grupos tradicionais quanto os novos que disputam a riqueza da África ainda podem competir por meio de confrontos em tempos de guerra. As mudanças internacionais, representadas principalmente pelo fim do conflito ideológico e pela tendência internacional de competição econômica no início dos anos 1990, influenciaram a orientação do Japão. Isso ocorreu quando o país tomou a iniciativa política e econômica em relação à África, que por algum tempo esteve às margens das preocupações da política externa japonesa. Diversas condi-

ções foram criadas para a penetração asiática, especialmente do Japão, na África. A mais proeminente delas foi a condicionalidade imposta pelos países doadores ocidentais à assistência fornecida aos países africanos. Apesar das tentativas de alguns países africanos de estabelecer reformas em uma direção democrática, eles não receberam a assistência prometida em quantidade suficiente. A ameaça de interromper a ajuda se tornou um meio de impor uma espécie de isolamento e bloqueio aos regimes que não seguiam a abordagem democrática (ocidental), que ficou conhecida como “condicionalidade política”, e o início dos anos 1990 testemunhou um declínio notável no volume da ajuda ocidental direcionada ao continente africano (Lekvall 2013). O Japão, reconhecendo as sensibilidades tanto na África quanto no Ocidente em relação à intervenção, utilizou estrategicamente essa dinâmica. Consequentemente, a África tem aberto cada vez mais suas portas e facilitado os investimentos asiáticos. Essa mudança é atribuída ao fato de que o parceiro asiático se distingue por adotar uma perspectiva econômica sobre os interesses subjacentes às relações de cooperação econômica, em contraste com a percepção política ocidental que, ocasionalmente, busca intervir nos assuntos dos Estados africanos. Essa distinção é ainda mais destacada pela percepção política ocidental que vê o neocolonialismo como parte integrante da “ordem mundial globalizada” (Niblett 2014). Os países africanos devem confiar em si mesmos para obter sucesso na transição democrática. Isso ocorre porque a ajuda ocidental, de qualquer forma, é apenas um décimo do que eles precisam. É apenas um argumento para controlar o destino e o futuro do continente. Após o fim da Guerra Fria, os países europeus e os Estados Unidos começaram a apoiar a construção econômica dos países do Leste Europeu, o que levou a um declínio na ajuda à África. Além disso, a crise de refugiados e pessoas deslocadas tornou-se mais aguda devido ao aumento dos conflitos étnicos e raciais no continente africano. Nessas circunstâncias, a estratégia japonesa na África girava em torno do seguinte:

1. Abordar o baixo desempenho econômico do parceiro africano: a estratégia japonesa na África geralmente se baseia em abordar o baixo desempenho econômico do parceiro africano e ajudá-lo a alcançar o desenvolvimento; os indicadores de crescimento indicam o déficit de desenvolvimento nesses países (Kato 2013).
2. Adoção do conceito de “segurança humana”: o Japão foi o primeiro a adotar o conceito de segurança humana como base para suas políticas internas ou externas, o que significa adotar o conceito de liberdade do medo e da necessidade (Hynek 2012). O conceito de “segurança humana” permite que o Japão facilite sua penetração e estenda sua influência sob o pretexto de alcançar a segurança global,

abordando os perigos que a África enfrenta e não permitindo que ela se estenda além de suas fronteiras (Clausen 2009).

O ponto de vista africano em relação ao Japão

É preciso fazer uma distinção entre os aspectos políticos, econômicos e comerciais da discussão sobre os ganhos africanos. Do ponto de vista político, a abordagem do Japão de não interferir nos assuntos internos dos países africanos e de não impor condições arbitrárias aos países mutuários torna as negociações com o Japão atraentes.

Do ponto de vista econômico, as economias africanas enfrentam uma falta crônica de infraestrutura básica de energia, transporte e comunicações. Em 2018, o Banco Mundial estimou que o valor anual necessário para preencher a lacuna de infraestrutura da África era de US\$130 a US\$170 bilhões por ano (AfDB 2018). Os países africanos não têm receitas governamentais nem divisas para investir em grandes projetos de infraestrutura dessa magnitude. Os credores e investidores ocidentais também não têm se interessado em financiar esses projetos.

O Banco Mundial e outros doadores ocidentais, que no passado forneceram empréstimos para infraestrutura, concentraram-se muito em empréstimos vinculados a programas e setores sociais, como saúde e educação, em vez de infraestrutura. Os governos africanos, por sua vez, têm se empenhado em capitalizar a disposição do Japão em financiar grandes projetos de infraestrutura na região.

Assim, o crescimento dos empréstimos para substituição de commodities não é apenas resultado dos esforços do Japão para garantir o fornecimento de energia e matérias-primas, mas também do desejo dos africanos de desenvolver sua infraestrutura. Os governos africanos têm conseguido usar seus recursos naturais para obter infraestrutura e financiar outros projetos do Japão (Floyd 2019).

Os governos africanos recebem bem as receitas adicionais em moeda estrangeira e as receitas governamentais resultantes do aumento das exportações de petróleo, gás e minerais para o exterior. Isso ajuda a aliviar a balança de pagamentos e as restrições orçamentárias.

Em geral, seria um erro ignorar o papel da vontade dos africanos para explicar o crescente compromisso da África com o Japão por meio das iniciativas da Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano (TICAD, na sigla em inglês). Embora os interesses do Japão sejam o fator mais

significativo para sua existência econômica na África, é improvável que esse crescimento fosse tão rápido se não fosse pelos interesses complementares da África.

É perigoso reproduzir o antigo relacionamento da África com as potências coloniais europeias, vendendo matérias-primas para o Japão e comprando produtos manufaturados e serviços desse país. Em 2020, as exportações da África para o Japão foram de US\$8,6 bilhões, enquanto as importações africanas do Japão foram de cerca de US\$7,9 bilhões (Nyabiage 2022). Isso torna a balança comercial mais favorável para o Japão às custas das economias africanas, que continuam instáveis.

Desde que o mundo ocidental se tornou um dos principais importadores de matérias-primas no início do século XXI, os preços apresentaram tendências de alta que impulsionaram fortemente o crescimento dos países exportadores por mais de uma década, mas também experimentaram seu abismo com o colapso dos preços, com consequências sociais e políticas devastadoras. A estratégia de exportação contribui negativamente para a ambição de alguns países africanos de industrializar e diversificar suas economias e desenvolver um setor de valor agregado que apoie a demanda interna e crie riqueza e empregos (Adesida 2011).

A chegada de potências emergentes como o Japão dará aos países africanos mais espaço de manobra em relação às condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pela União Europeia, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pelas Nações Unidas, que são dominadas principalmente pelas potências ocidentais. Ele passou a oferecer uma alternativa mais adequada nos níveis político, econômico, comercial e social. As prioridades da África para a futura cooperação com o Japão:

1. É imperativo fechar a lacuna de infraestrutura da África, um pilar fundamental da Agenda 2063 (Tella 2018). A influência do Japão na iniciativa “*Build Back a Better World*” (B3W) do G7 poderia ajudar a liberar fundos e, ao mesmo tempo, manter a dívida baixa (Zhu 2021).
2. Concepção de valor. Isso exige que as empresas japonesas invistam em suas cadeias de valor para melhorar a qualidade das exportações africanas (Ighobor 2017).
3. Operacionalizar o mecanismo da Força de Reserva Africana como uma ferramenta que pode contribuir para a resolução de conflitos. O Japão se comprometeu a apoiar a iniciativa “Silenciar as Armas” da UA (Musau 2020). O apoio aos esforços de resolução de conflitos em cinco regiões geográficas designadas – África, Sahel, Sudão e Sudão do Sul – são características centrais desse esforço.

Cooperação para o Desenvolvimento da África (TICAD)

A política do Japão se desenvolveu de acordo com a situação pós-Guerra Fria, e seu papel foi inicialmente limitado ao fornecimento de ajuda, mas no final dos anos 1980, o país anunciou uma política renovada baseada em três eixos: ajuda, intercâmbio cultural e manutenção da paz.

1. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 1993:** a primeira Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento da África foi realizada em Tóquio, Japão, de 5 a 6 de outubro de 1993, com a participação de cerca de 50 países africanos e asiáticos (MOFA 1993b). Essa iniciativa foi realizada a pedido do governo japonês na época para discutir questões relacionadas ao desenvolvimento e encontrar soluções eficazes para o avanço do continente africano. O plano foi concebido visando garantir a sustentabilidade do continente. Dessa forma, foi apenas o começo que abriu as portas para mais investimentos japoneses e cooperação entre os dois lados, iniciando assim uma nova fase na história das relações nipo-africanas (MOFA 1993a).

No início dos anos 1990, o Japão empenhou-se em apoiar o desenvolvimento do continente africano e atrair a atenção da comunidade internacional para a África, após um período de marginalização. Isso incluiu sua convocação para a TICAD I em 1993, marcando o início de uma nova fase na história das relações nipo-africanas. Durante a conferência, 48 países africanos, 12 países doadores e 8 organizações internacionais adotaram a “Declaração de Tóquio sobre o Desenvolvimento da África”, que representa a estrutura geral para o desenvolvimento: por um lado, o desenvolvimento da África para si mesma e, por outro, o desenvolvimento da África para os outros (Eyinla 2018).

2. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 1998:** próximo ao início do terceiro milênio, as instituições internacionais testemunharam uma mudança na dinâmica em favor do apoio ao desenvolvimento da África. A Segunda Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento da África (TICAD) foi realizada na capital japonesa de 19 a 20 de outubro de 1998, para orientar a implementação concreta da política dos países africanos e seus parceiros para o desenvolvimento da África no século XXI (MOFA 1998b).

A conferência, realizada com a participação de 80 países e mais de 60 organizações internacionais oficiais e informais, culminou com o compromisso do governo japonês com as metas acordadas durante a conferência e com o início

de sua implementação, que incluiu áreas de desenvolvimento social, como educação e saúde, desenvolvimento econômico industrial e agrícola e dívida externa.

A conferência adotou o “Plano de Ação de Tóquio para o Desenvolvimento da África no Século XXI” como estrutura estratégica, com o objetivo de atingir duas metas principais: preservar os índices de pobreza e integrar a África à economia global. O plano também enfatiza a importância de direcionar atenção às áreas de desenvolvimento social, incluindo educação, saúde e controle de doenças, além do desenvolvimento econômico (MOFA 1998a).

O Japão tinha como objetivo contribuir para o desenvolvimento do continente africano em todas as suas dimensões como potência (MOFA 1998c). Isso inclui melhorias no padrão de vida de seu povo, por meio do anúncio da intenção do Japão de cancelar dívidas com países africanos em dificuldades (Nakamu 2022).

3. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 2003:** a TICAD 3 foi realizada de 29 de setembro a 11 de dezembro de 2003, em Tóquio, com a presença de cerca de 90 países africanos e asiáticos (MOFA 2003b) para comemorar o 10º aniversário da iniciativa japonesa revisada em relação à África (MOFA 2003c). Os esforços e discussões conjuntos resultaram na ajuda do governo japonês para o avanço do continente africano por meio da decisão do então primeiro-ministro japonês, Junichiro Koizumi, de alocar uma quantia de até um bilhão de dólares em ajuda e suprimentos para o desenvolvimento e assistência dos países do continente (MOFA 2003a). O Japão anunciou suas orientações revisadas para ajudar os países africanos a alcançarem o desenvolvimento por meio da consolidação da segurança e da paz. Como resultado, o governo japonês anunciou que um bilhão de dólares seriam alocados para os países da África em cinco anos. Isso seria feito nas áreas de água, saúde e educação.
4. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 2008:** essa edição da Conferência Internacional de Tóquio diferiu um pouco de suas antecessoras após o anúncio de que seria realizada pela primeira vez fora de Tóquio, na cidade de Yokohama, localizada na ilha principal de Honshu, de 28 a 30 de maio de 2008 (MOFA 2008a). A conferência, que foi realizada com a participação de mais de 50 países africanos e com a presença de representantes de 30 países asiáticos, culminou, ao final de suas atividades, com o governo japonês dobrando a ajuda destinada ao desenvolvimento

do continente africano e alocando cerca de US\$ 4 bilhões em ajuda para desenvolver a infraestrutura dos países mais afetados.

As relações nipo-africanas entraram em uma fase de transição com a realização da quarta sessão da TICAD em 2008, na qual foi anunciado um conjunto de medidas para fortalecer os laços entre as duas partes, sendo a mais proeminente delas o aumento da ajuda japonesa aos países africanos, com US\$ 4 bilhões em empréstimos para o desenvolvimento de infraestrutura.

O Plano de Ação de Yokohama apresentou ações a serem tomadas ao longo de cinco anos, dentre elas: promover o crescimento econômico; atingir as Metas de Desenvolvimento do Milênio; consolidar a paz e a governança efetiva; resolver as mudanças climáticas e as questões ambientais; e ampliar o envolvimento com o continente africano (MOFA 2008b).

5. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 2013:** de 31 de maio a 3 de junho de 2013, a cidade japonesa de Yokohama sediou a Conferência Internacional de Tóquio, em sua quinta edição, sob o tema “De mãos dadas com uma África mais dinâmica” (MOFA 2013). A conferência abordou três pontos principais relacionados ao desenvolvimento dos países africanos: os esforços do Japão para resolver os problemas dos países do continente para ganhar a confiança da comunidade internacional; a reestruturação do Conselho de Segurança das Nações Unidas; e a questão da mudança climática.

A conferência, que contou com a participação de representantes de 60 países africanos e asiáticos e representantes de organizações internacionais e regionais, resultou na alocação de fundos pela Agência de Cooperação Internacional do Japão (*Japan International Cooperation Agency*, JICA, na sigla em inglês) para apoiar e acelerar o desenvolvimento de infraestrutura nos países do continente, aprimorar os recursos humanos por meio do treinamento de cidadãos africanos no campo do desenvolvimento industrial e melhorar o ambiente de aprendizado para as crianças africanas (JICA 2018). A TICAD 5 estava vinculada à realização de três objetivos principais:

1. A afirmação do Japão, como membro responsável da comunidade internacional, de que está trabalhando para resolver os problemas da África para ganhar a confiança da comunidade internacional.
2. O Japão deve fortalecer seu relacionamento econômico com a África, um mercado promissor com altas taxas de crescimento, recursos naturais abundantes e uma população crescente.
3. A cooperação com os países africanos é essencial para resolver outras questões globais, incluindo a reestruturação do Conselho de Segu-

rança da ONU e as mudanças climáticas. Fica claro, pelo exposto, que o Japão concentra seu relacionamento com os países africanos no aspecto econômico e utiliza várias ferramentas, sendo as mais relevantes:

- **Investimento no setor privado:** as empresas japonesas estão presentes em todos os 54 países africanos, lideradas por empresas como Toyota Tsusho, Rakuten, Sony, Nippon Steel e Ajinomoto. O número de empresas japonesas na África aumentou de 169 em 2013 para 259 em 2019 (Junius 2022).
- **Setor de mineração:** o Japão gastou US\$ 220 milhões, mas ficou aquém de seu orçamento de dois anos de cerca de US\$ 800 milhões devido ao colapso global dos preços dos metais (Obayashi 2015).

Entre os países mais influentes com os quais o Japão mantém relações comerciais estão Zimbábue, Quênia, Gana e Zâmbia. Esses países exportam matérias-primas, como algodão, metais e madeira, e importam do Japão máquinas e equipamentos industriais, como carros.

6. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 2016:** a sexta edição da conferência foi realizada pela primeira vez fora do Japão, que sediou as cinco edições anteriores. A TICAD 6 foi sediada pelo Quênia em sua capital, Nairóbi, de 27 a 28 de agosto de 2016 (MOFA 2016a). A conferência concentrou atenção renovada em medidas para garantir que o crescimento econômico da África seja sustentável. A Declaração de Nairóbi, acordada na TICAD VI, teve como tema “Parceria TICAD para a Prosperidade: Promovendo a Agenda de Desenvolvimento Sustentável da África” (MOFA 2016b).

A TICAD 6 foi realizada na presença de representantes de países africanos e asiáticos e de organizações internacionais e regionais, resultando na assinatura de vários memorandos de entendimento e acordos comerciais entre empresas japonesas e africanas, totalizando 73 acordos, que visavam avançar para a fabricação de matérias-primas no continente africano em vez de apenas exportá-las, e o primeiro-ministro japonês anunciou a alocação de investimentos no valor de US\$ 30 bilhões nos próximos três anos (Takenaka 2016).

7. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 2019:** a conferência de cúpula foi realizada novamente em Yokohama, mas desta vez sob a copresidência do Japão e do Egito, considerando a presidência egípcia da União Africana (MOFA 2019). A Cúpula TICAD 7 teve como objetivo desenvolver o continente, facilitando e promovendo o diálogo político de alto nível entre os

líderes africanos e os parceiros de desenvolvimento sobre questões relacionadas ao crescimento econômico, comércio e investimento, desenvolvimento sustentável, segurança humana, paz e estabilidade.

A TICAD 7 concentrou-se no potencial de digitalização e inovação dos jovens empreendedores africanos, conforme confirmado pelo tema “Promovendo o desenvolvimento da África por meio de pessoas, tecnologia e inovação” (JICA 2022).

8. **Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano, 2022:** a TICAD VIII, a primeira desde a pandemia de COVID-19, foi realizada novamente na África, na Tunísia, de 27 a 28 de agosto de 2022 (MOFA 2022b).

O primeiro-ministro Fumio Kishida participou da reunião por videoconferência depois de ter testado positivo para a COVID-19, declarando que “os setores público e privado do Japão trabalharão para fornecer (apoio aos países africanos) cerca de US\$ 30 bilhões nos próximos três anos”. “Esse apoio, que se estende pelos próximos três anos, diz respeito a várias áreas, incluindo crescimento verde, saúde, educação, recursos humanos, agricultura e incentivo ao investimento, especialmente para startups”, acrescentou. “O Japão quer ser um parceiro com o qual a África possa crescer e trabalhar para superar os desafios”, disse ele. “O Japão adotará sua abordagem com foco em pessoas ou recursos humanos para alcançar uma sociedade africana resiliente e resistente.” Por fim, o Japão anunciou apoio aos países africanos com US\$ 30 bilhões (McDowall 2022).

Metas do Japão na TICAD

O continente africano tornou-se um ambiente atraente para investimentos estrangeiros, o que explica a nova onda de disputa por seus recursos naturais; nessa área, os dados de investimentos globais mostram uma competição cada vez mais intensa entre empresas internacionais, europeias, americanas, chinesas, japonesas, etc., para compartilhar a riqueza natural africana (UNCTAD 2022).

A Autoridade de Comércio Exterior do Japão, por meio de uma pesquisa sobre os mercados africanos, encontrou uma motivação substancial entre as empresas japonesas que operam na África para expandir seus negócios. A pesquisa baseou-se em 24 países, incluindo África do Sul, Egito, Marrocos, Quênia, Nigéria e Costa do Marfim. O período da pesquisa foi estendido para setembro e outubro de 2019.

Um total de 423 empresas participaram da pesquisa, representando 74,5% do total de empresas japonesas na África. Apesar dos temores de instabi-

lidade política, as empresas japonesas estão procurando expandir suas operações na África. Por exemplo, em Moçambique, que deve crescer rapidamente devido à produção de gás natural, a participação foi de pouco menos de 70%. Cerca de 60% delas estão no Marrocos, onde estão sendo feitos esforços para atrair empresas por meio do desenvolvimento de zonas francas. No Quênia (59,5%), no Egito (58,6%) e na Nigéria (54,5%), havia a intenção de fazer desenvolvimentos substanciais no campo do desenvolvimento de negócios de última geração (JETRO 2020). Principalmente, o Japão se concentra nas seguintes metas:

1. Vozes africanas nas Nações Unidas: o Japão está buscando aumentar sua posição internacional e tem como objetivo obter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (Kral 1999). Para essa ambição estratégica, Tóquio precisava do apoio dos países africanos que o Japão esperava receber em troca da assistência financeira negociada durante essas cúpulas. Logo após o fim da Guerra Fria, os japoneses não entendiam a viabilidade econômica de investir na África. Portanto, o desenvolvimento de relações comerciais com outros países asiáticos era suficiente para o Japão.
2. Alcançar outros participantes asiáticos e ocidentais no mercado africano: quando os países africanos começaram a experimentar um rápido crescimento no final dos anos 2000, impulsionado por investimentos chineses, indianos e ocidentais, o Japão percebeu que não possuía o motor para trazê-los de volta à vanguarda da corrida africana. Desde então, o Japão tem buscado competir com a China na África (Kuwamura 2022). O Japão adotou o ritmo de realizar suas cúpulas a cada três anos a pedido dos países africanos, que apontaram que essa frequência é observada pela China. Tóquio também concordou em realizar suas cúpulas em países africanos, como fez a China. As conferências da TICAD eram tradicionalmente realizadas no Japão até 2016.
3. Integrar a África em um Indo-Pacífico livre e aberto: isso se baseia na visão do falecido primeiro-ministro Shinzo Abe, que deliberadamente incorporou a África na estratégia mais ampla do Japão para a região (Taylor 2015). Esse conceito baseia-se em quatro pilares principais: a promoção e o estabelecimento do Estado de direito, a liberdade de navegação e o livre comércio, a busca da prosperidade econômica e a garantia da paz e da estabilidade. Shinzo Abe também fez quatro visitas oficiais à África, um recorde sem precedentes para um primeiro-ministro japonês. A África tornou-se uma das prioridades estratégicas de seu governo. Abe pretendia comemorar o retorno

do Japão ao cenário internacional por meio de intensa atividade diplomática. Investir na África vale a pena por vários motivos. Ela foi o alvo inicial do Japão.

4. Mudança para a política de investimento privado: sob o governo de Shinzo Abe, Tóquio procurou afastar-se de uma política focada na assistência oficial ao desenvolvimento, cujo orçamento está diminuindo constantemente, para uma abordagem baseada em investimentos privados. Portanto, a mobilização da comunidade empresarial japonesa tem sido fundamental para expandir a presença econômica do Japão nesse mercado promissor e, ao mesmo tempo, continuar a garantir recursos estratégicos de energia e minerais. Desde 2012, o Japão tem demonstrado grande interesse em discutir a cooperação público-industrial para incentivar as empresas a investir na África (Kaori Kaneko 2013).

Desenvolvimento dos interesses japoneses na África

Apesar disso, a estratégia japonesa na África é influenciada por interesses econômicos. A África é um reservatório de energia e recursos naturais. O Japão é um dos países mais industrializados do mundo com base no número de suas importações representadas por recursos energéticos. Para isso, precisa de muitos recursos naturais que não estão disponíveis em seu território, por exemplo, petróleo, gás natural e recursos minerais, como ferro e fosfato. Portanto, observamos:

1. O crescente interesse e concorrência internacional no continente africano se devem ao fato de o continente ser uma fonte importante – além de energia – de toda a riqueza, pois produz 80% da platina do mundo, mais de 40% dos diamantes do mundo, 20% do ouro e do cobalto e é rico em quantidades significativas de recursos naturais (Matthysen 2009). Em geral, o interesse crescente do Japão na África e a intensa competição entre as potências internacionais por ela se devem a várias considerações, principalmente:
2. Localização geopolítica: a África tem passagens comerciais e portos marítimos estratégicos nos oceanos Índico e Atlântico, o que a torna uma região muito influente em todas as dimensões.
3. Fontes de energia: as descobertas de petróleo no continente aumentaram recentemente, o que representa uma oportunidade significativa para o Japão no âmbito de sua estratégia de trazer e suprir as necessidades de petróleo, já que o continente ocupa uma posição

cada vez mais significativa no mapa da produção global de petróleo. De acordo com as estimativas da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, cerca de 13% das reservas mundiais de gás natural estão na África, e o continente poderia fornecer à Europa cerca de 30 bilhões de metros cúbicos de gás em uma década. A expansão global maciça do gás poderia comprometer os esforços para limitar o aumento da temperatura global a 1,5 grau Celsius (Chakamba 2022).

A África representa um vasto mercado consumidor, abrigando aproximadamente 700 milhões de pessoas. Isso enfraquece as ambições dos concorrentes da China, tanto em nível regional quanto internacional. Embora a abordagem econômica possa amenizar a intensidade da competição diplomática e política entre os dois países, possivelmente superando tensões históricas, é crucial não negligenciar a competição global entre eles, especialmente pela obtenção de um assento permanente no Conselho de Segurança.

Conclusão

A importância da TICAD para o Japão pode variar de acordo com as circunstâncias e a natureza de sua participação na região. Nesta seção, é útil distinguir entre duas categorias principais de interesses que motivaram o Japão a se envolver plenamente na região. Os objetivos geopolíticos e diplomáticos incluem o isolamento de Pequim, a conquista de aliados para apoio diplomático em fóruns internacionais, o aumento do *soft power* do Japão na região e sua apresentação como uma alternativa à China. Em questões que vão desde os direitos humanos até a reforma da ONU, a segurança regional e os principais interesses nacionais do Japão, Tóquio espera que a África esteja sempre ao seu lado. Além disso, os objetivos geoeconômicos incluem a segurança dos suprimentos de energia e dos recursos minerais e agrícolas, por um lado, e os objetivos comerciais relacionados ao mercado consumidor que ele fornece a seus fabricantes e empresas dos setores público e privado, para promover as exportações, apoiar a expansão internacional das empresas japonesas e reduzir a dependência do comércio com a China, por outro.

Há um debate no Japão sobre se os interesses políticos ou econômicos devem ser a principal prioridade de Tóquio em seu relacionamento com a África. Apesar da importância política da África, o Japão elevou as considerações financeiras a um nível muito mais alto em sua agenda interna e externa. Esse é o resultado direto de sua estratégia de diversificação e de um esforço

para aumentar sua legitimidade por meio da conquista do desenvolvimento sustentável no Terceiro Mundo.

As atividades econômicas do Japão na África foram impulsionadas principalmente pela agenda de desenvolvimento do Japão e se concentraram no fornecimento de assistência ao desenvolvimento aos países africanos para construir relações diplomáticas. O foco da política externa do Japão passou a ser o apoio ao desenvolvimento econômico nacional, e essa mudança levou diretamente a um ajuste gradual das prioridades do Japão em sua política para a África, da ajuda à “cooperação comercial mutuamente benéfica”, da assistência à promoção de “contratos de serviços, investimentos e comércio”. A teoria do “uso de mercados e recursos nacionais e internacionais” prevalece nas relações comerciais externas do Japão.

As ricas reservas de energia, minerais e matérias-primas da África alimentam diretamente a busca do Japão por recursos naturais para impulsionar seu crescimento econômico interno. A África é o segundo maior continente do mundo, com uma área de 30 milhões de quilômetros quadrados e 1,2 bilhão de pessoas, além de ser rica em um grande número de recursos naturais. Essa característica, juntamente com sua densidade populacional relativamente baixa e seu pequeno setor manufatureiro, fez da África um alvo importante para as importações do Japão. A África também ocupa o primeiro ou o segundo lugar no mundo em abundância de minerais como bauxita, cobalto, diamantes, rochas fosfáticas, minerais de platina, coltan, vermiculita e zircônio. Além disso, muitos outros minerais estão presentes em grandes quantidades, como ouro, cobre, carvão, petróleo, etc.

Portanto, as matérias-primas estão no centro da relação econômica entre o Japão e a África. Isso se reflete na composição de suas importações e nos principais setores em que suas empresas investem. Embora as fontes variem muito em suas estimativas sobre o tamanho dos investimentos das empresas japonesas em petróleo e mineração na África, todas concordam que esses setores são os mais relevantes em termos de investimento japonês na região.

Embora os projetos e empréstimos japoneses não estejam concentrados apenas nos setores extrativistas, eles também estão indiretamente ligados ao setor por meio do uso generalizado de empréstimos. Esses empréstimos são frequentemente usados para financiar projetos de infraestrutura na região. Há também a importância das considerações comerciais, como o acesso ao mercado local, o benefício dos acordos comerciais africanos, os baixos custos de produção e a disponibilidade de matérias-primas nas decisões de investimento das empresas japonesas no continente. O Japão demonstra

interesse na África devido ao seu considerável potencial de mercado. Isso porque as indústrias de manufatura do Japão são caracterizadas pela produção de têxteis, eletrônicos e outros produtos a um preço competitivo globalmente, o que é adequado ao mercado africano menos desenvolvido.

A crescente presença do Japão na África reflete suas prioridades, tanto econômica quanto politicamente. O objetivo é garantir a superioridade comercial e o desenvolvimento econômico de Tóquio. Esse desenvolvimento, tanto interno quanto externo, exige o fornecimento de matérias-primas estratégicas. Em segundo lugar, politicamente, embora o continente africano seja de importância limitada para a agenda da política externa do Japão, ele desempenha um papel de grande apoio em sua grande estratégia. Em vez de ver a África como um fim ou uma prioridade, a África é vista como uma tática sobre a qual as ambições estratégicas mais amplas do Japão são construídas.

O Japão adotou uma estratégia de ação indireta e gradual, e seu envolvimento no continente africano pode ser considerado uma “tática” cujo objetivo, entre outros, não era apenas atender às suas necessidades econômicas imediatas e crescentes, mas também preparar o caminho para alcançar rapidamente o topo da política internacional, o peso econômico e político e a influência comercial e geoestratégica.

REFERÊNCIAS

- Adem, S. 2010. “Africa in Japanese Diplomatic Thought: An African Perspective”. *Journal of Black Studies* 40, no. 5 (Maio): 871-896. <https://www.jstor.org/stable/40648611>
- Adesida, M. W. 2011. “Industrialization, Exports and the Developmental State in Africa: the case for transformation”. Economics Department *Working Paper Series*, University of Massachusetts Amherst. https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1125&context=econ_workingpaper.
- AfDB, A. D. 2018. Africa’s Infrastructure: great potential but little impact on inclusive growth. *African Economic Outlook*: https://www.afdb.org/file-admin/uploads/afdb/Documents/Publications/2018AEO/African_Economic_Outlook_2018_-_EN_Chapter3.pdf
- Bartlett, K. 2022. “Japan Reengaging With Africa in Face of Rising China”. *VOA News*, 15 de setembro de 2022. <https://www.voanews.com/a/japan-reengaging-with-africa-in-face-of-rising-china/6748427.html>

- Chakamba, R. 2022. "Is natural gas the solution to Africa's 'energy poverty'?". *Devex*, 10 de novembro de 2022. <https://www.devex.com/news/is-natural-gas-the-solution-to-africa-s-energy-poverty-104411>
- Clausen, D. 2009. "Japan and Human Security: a Powerful Discourse or a Useful Coping Mechanism?". *EJCJS (Electronic Journal of Contemporary Japanese Studies)*. <https://japanesestudies.org.uk/discussionpapers/2009/Clausen.html>
- Eyinla, B. 2018. "Promoting Japan's National Interest in Africa". *Africa Development*, 43 (3), 107-122. <https://www.jstor.org/stable/26645582>
- Floyd, R. 2019. "Quality infrastructure in Africa: The role of Japan". *African Center for Economic Transformation*, 17 de maio de 2019. <https://acetforafrica.org/research-and-analysis/insights-ideas/commentary/quality-infrastructure-in-africa-the-role-of-japan/>
- Hynek, N. 2012. "The domopolitics of Japanese human security". *Security Dialogue*, 43, no. 2: 119-137. <https://www.jstor.org/stable/26302442>
- Ighobor, K. 2017. "Africa welcomes new trade initiatives from Japanese investors". *Africa Renewal*, Dezembro 2016 até Março de 2017. <https://www.un.org/africarenewal/magazine/december-2016-march-2017/africa-welcomes-new-trade-initiatives-japanese-investors>
- JETRO. 2020. "Results of JETRO's 2019 Survey on Business Conditions of Japanese-Affiliated Firms in Africa". *Japan External Trade Organization (JETRO)*, 4 de março de 2020. <https://www.jetro.go.jp/en/news/releases/2020/21ebegc3d8ed499d.html>
- JICA. 2018. "JICA's Activities in Africa: TICAD V: Five-Years Assistance 2013 - 2017". *Japan International Cooperation Agency*. https://www.jica.go.jp/english/publications/brochures/c8hovm0000avs7w2-att/TICADV_en.pdf
- . (2022). "JICA's Initiatives for Africa: Advancing Africa's Development through People, Technology and Innovation: TICAD 7 2019-2021". *Japan International Cooperation Agency*. https://www.jica.go.jp/publication/pamph/region/ku57pq00002lvqjq-att/approach_to_africa_growth_en.pdf
- Junius, R. Y. 2022. "Japan's opportunity to build a new legacy in Africa". *Atlantic Council*, 1º de setembro de 2022. <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/africasource/japans-opportunity-to-build-a-new-legacy-in-africa/>
- Kaori Kaneko, L. S. 2013. "Japan pledges \$32 billion aid for Africa to boost investment". *Reuters*, 1º de junho de 2013. <https://www.reuters.com/article/us-japan-economy-ticad-idUSBRE95002G20130601>
- Kato, H. 2013, June. "For Inclusive and Dynamic Development in Sub-Saharan Africa". *Japan International Cooperation Agency Research Institute*, Junho de 2013. <https://www.jica.go.jp/jica-ri/publication/booksandreports/>

- jrft3q00000029aw-att/For_Inclusive_and_Dynamic_Development_in_Sub-Saharan_Africa_JICA-RI.pdf
- Kral, A. 1999. "Japan's Quest for a Permanent UN Security Council Seat". *The Wilson Center*, 1º de outubro de 1999. <https://www.wilsoncenter.org/event/japans-quest-for-permanent-un-security-council-seat>
- Kuwamura, T. 2022. "Can Japan's Investments Weaken Chinese, Russian Foot-hold in Africa?" *Japan Forward*, 1º de setembro de 2022. <https://japan-forward.com/can-japans-investments-weaken-chinese-russian-foot-hold-in-africa/>
- Lekvall, A. 2013. *Development First, Democracy Later?* Stockholm: International Institute for Democracy and Electoral Assistance. <https://www.idea.int/sites/default/files/publications/development-first-democracy-later.pdf>
- Matthysen, R. C. 2009. "Africa's natural resources in a global context". CNCD-11.11.11, Agosto de 2009. https://www.cncd.be/IMG/pdf/20090812_Natural_Resources.pdf
- McDowall, A. 2022. "Japan pledges \$30 billion in African aid at Tunis summit". *Reuters*, 7 de agosto de 2022. <https://www.reuters.com/world/japan-pm-kishida-tokyo-will-provide-30-bln-aid-africa-over-three-years-2022-08-27/>
- MOFA, Ministry of Foreign Affairs of Japan. 1993a. "Keynote Address by Prime Minister Morihiro Hosokawa". *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 5 de outubro de 1993. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad/address9310.html>
- . 1993b. "The First Tokyo International Conference on African Development (TICAD I)". *Ministry of Foreign Affairs of Japan*. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad/ticad1.html>
- . 1998a. "African Development Towards the 21st Century". *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 21 de outubro de 1998. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad2/agenda21.html>
- . 1998b. "The Second Tokyo International Conference on African Development (TICAD II)". *Ministry of Foreign Affairs of Japan*. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad2/index.html>
- . 1998c. "The Tokyo Agenda for Action". *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 21 de outubro de 1998. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad2/agenda21.html>
- . 2003a. "Keynote Speech by Prime Minister Junichiro Koizumi". *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 29 de setembro de 2003. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad3/pmspeech.html>

- _____. 2003b. “The Third Tokyo International Conference on African Development (TICAD III)”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad3/index.html>
- _____. 2003c. “TICAD Tenth Anniversary Declaration”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 1º de outubro de 2003. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad3/declaration.html>
- _____. 2008a. “The Fourth Tokyo International Conference on African Development (TICAD IV) in Yokohama”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 30 de maio de 2008. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad/ticad4/index.html>
- _____. 2008b. “Yokohama Declaration”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 30 de maio de 2008. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/ticad/ticad4/doc/declaration.pdf>
- _____. 2013. “TICAD V”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 3 de junho de 2013. https://www.mofa.go.jp/region/page2e_000002.html
- _____. 2016a. “TICAD VI”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 28 de agosto de 2016. https://www.mofa.go.jp/afr/af2/page3e_000453.html
- _____. 2016b. “TICAD VI Nairobi Declaration”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 28 de agosto de 2016. https://www.mofa.go.jp/af/afi/page3e_000543.html
- _____. 2019. “TICAD 7: The Seventh Tokyo International Conference on African Development (TICAD7)”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 26 de novembro de 2019. https://www.mofa.go.jp/afr/af2/page25e_000274.html
- _____. 2022a. “Japan-Egypt Relations (Basic Data)”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 12 de abril de 2022. <https://www.mofa.go.jp/region/africa/egypt/data.html>
- _____. 2022b. “The Eighth Tokyo International Conference on African Development (TICAD8)”. *Ministry of Foreign Affairs of Japan*, 11 de novembro de 2022. https://www.mofa.go.jp/afr/af2/page24e_000325.html
- Musau, Z. 2020. “Silencing the Guns campaign kicks off in 2020”. *Africa Renewal*, Março de 2020. <https://www.un.org/africarenewal/magazine/december-2019-march-2020/silencing-guns-campaign-kicks-2020>
- Nakamu, H. 2022. “Japanese Foreign Policy toward Africa: Towards a Middle Power Diplomacy”. *Journal of Inter-Regional Studies: Regional and Global Perspectives (JIRS)*, 6 (Maio):1-15. https://www.waseda.jp/inst/oris/assets/uploads/2022/03/JIRS_Japanese-Foreign-Policy-toward-Africa.pdf
- Niblett, R. 2014. *Globalization and World Order*. London: Chatham House.
- Nyabiage, J. 2022. “Japan pledges US\$30 billion for Africa as it seeks to counter Chinese influence”. *South China Morning Post*, 29 de agosto de 2022.

- <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3190478/japan-pledges-us30-billion-africa-it-seeks-counter-chinese>
- Obayashi, Y. 2015. “Japan to step up financial support for Africa mining projects”. *Reuters*, 30 de maio de 2015. <https://www.reuters.com/article/japan-africa-mining-idUKL3NoYLo2920150530>
- Pajon, C. 2020. “Japan’s Economic Diplomacy in Africa: Between Strategic Priorities and Local Realities”. Notes de l’Ifri, Ifri, Dezembro de 2020 https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/pajon_japan_economic_diplomacy_africa_2020.pdf
- Sato, M. 2005. “Japanese Aid Diplomacy in Africa: An Historical Analysis”. *Ritsumeikan Annual Review of International Studies*, Vol. 4: 67-85.: <https://www.ritsumeai.ac.jp/ir/isaru/assets/file/raris/raris-04-sato.pdf>
- Takenaka, K. 2016. “Japan pledges \$30 billion for Africa over next three years”. *Reuters*, Agosto de 2017, 2016. <https://www.reuters.com/article/us-africa-japan-idUSKCN112077>
- Taylor, J. G. 2015. “‘Japan is back’, Japan’s (re)engagement in Africa: the case of South Sudan”. SOAS, University of London. PhD Thesis. https://eprints.soas.ac.uk/23677/1/Taylor_4201.pdf
- Tella, O. 2018. “Agenda 2063 and Its Implications for Africa’s Soft Power”. *Journal of Black Studies*, Vol. 49, n. 7 (Outubro): 714-730. <https://www.jstor.org/stable/26574590>
- UNCTAD. 2022. “Investment flows to Africa reached a record \$83 billion in 2021”. United Nations Conference on Trade and Development, 9 de junho de 2022. <https://unctad.org/news/investment-flows-africa-reached-record-83-billion-2021>
- Zhu, K. 2021. “‘Build Back Better World’ and the Belt and Road Are Not Necessarily at Odds”. *The Diplomat*, 28 de junho de 2021. <https://thediplomat.com/2021/06/build-back-better-world-and-the-belt-and-road-are-not-necessarily-at-odds/>

RESUMO

A Conferência Internacional de Tóquio sobre Desenvolvimento Africano (TICAD) tem como objetivo “promover o diálogo político de alto nível entre os líderes africanos e os parceiros de desenvolvimento”. As relações entre Japão e África desempenham um papel crucial na compreensão da estratégia japonesa no continente. Essas relações confirmam que as abordagens do Japão diferem das abordagens ocidentais, destacando as manifestações da competição contínua na África, as oportunidades para o Japão nesse continente e a integração na estrutura de cooperação para o desen-

volvimento na África. O tópico será abordado de acordo com uma estrutura teórica que explica as relações Japão-África devido ao seu foco na dimensão econômica das relações internacionais. O estudo também parte de um pressuposto básico: que o interesse japonês está ligado ao sistema de interesses econômicos que Tóquio busca alcançar na África, mais do que as reivindicações de desenvolvimento no continente africano.

PALAVRAS-CHAVE

TICAD. Estudos Japoneses. Estudos Africanos. Economia. Relações Internacionais.

Recebido em 24 de agosto de 2023

Aceito em 22 de outubro de 2023²

Traduzido por Henrique Leal de Moura

² Como citar: Badawi, Habib. 2023. “O futuro da cooperação Japão-África: TICAD”. *Revista Brasileira de Estudos Africanos* 8 (16), 68-88. <https://doi.org/10.22456/2448-3923.135034>.